

Um estudo de gênero em *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane

A gender study in *Niketche: a history of polygamy*, by Paulina Chiziane

Satumata Malam Sambu Sanha¹ , Felipe dos Santos Matias¹ 

¹Universidade Federal da Integração Latino-Americana¹, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

RESUMO

O presente artigo analisa a representação literária relacionada às lutas contra as desigualdades de gênero na obra *Niketche: uma história de poligamia* (2002), da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Neste romance, a autora traz uma discussão em que problematiza a dominação masculina sobre a feminina no que se refere ao casamento na sociedade moçambicana. Em *Niketche*, Chiziane desconstrói aquilo que chama de poligamia urbana, que é diferente da tradicional em Moçambique, e representa literariamente a violência moral, psicológica e física perpetrada no país africano contra o gênero feminino. O estudo é realizado a partir dos aportes teórico-críticos de Chimamanda Ngozi Adichie, Laura Cavalcante Padilha, Joseph Ki-Zerbo, Badou Koffi Robert, Thaís Cristina Santos, Thomas Bonnici, entre outros.

Palavras-chave: Paulina Chiziane; *Niketche*; Estudo de gênero

ABSTRACT

This paper analyzes the literary representation related to the struggles against gender inequalities in the work *The first wife: a tale of polygamy* (2002), by the Mozambican writer Paulina Chiziane. In this novel, the author brings a discussion in which she problematizes male domination over female domination with regard to marriage in Mozambican society. In *The first wife*, Chiziane deconstructs what she calls urban polygamy, which is different from the traditional one in Mozambique, and literarily represents the moral, psychological, and physical violence perpetrated in the African country against the female gender. The study is based on the theoretical-critical contributions of Chimamanda Ngozi Adichie, Laura Cavalcante Padilha, Joseph Ki-Zerbo, Badou Koffi Robert, Thaís Cristina Santos, and Thomas Bonnici, among others.

Keywords: Paulina Chiziane; *Niketche*; Gender study

1 MULHERES AFRICANAS E SUAS ESCRITAS DE RESISTÊNCIA NO CENÁRIO LITERÁRIO PÓS-COLONIAL NA ÁFRICA

Após a independência dos países africanos nos meados de 1970 a 1980, as mulheres do continente começam a questionar com mais veemência a diferença no tratamento de gênero e a reivindicar igualdade de direitos. Nesse cenário, as mulheres escritoras e outras intelectuais ajudaram a enriquecer o debate sobre gênero através de textos literários e acadêmicos. Com isso, as denúncias dessas mulheres puderam ser lidas em uma perspectiva global.

Joseph Ki-Zerbo (2010) salienta que a África, assim como o próprio africano, passou a ser vista depois da invasão europeia como um continente e um povo que não possuíam história e nem cultura próprias. Segundo o historiador burquinense, além desse negligenciamento sobre a história e a cultura de todo um continente, essa invasão também deixou outros nefastos frutos, como o patriarcado e a ideia de subalternidade feminina. A escrita de resistência de mulheres africanas sofreu com essas questões discriminatórias. Além disso, essas sociedades patriarcais pós-coloniais tentaram forçadamente vincular a escrita literária feminina africana com o feminismo ocidental, o que consistiu em um equívoco, visto que as lutas feministas do Ocidente não vinculavam, inicialmente, as mulheres africanas.

Conforme Badou Koffi Robert (2010), apesar de não existir um conceito definido do que seria o feminismo pós-colonial, o pensamento ideológico das intelectuais africanas em geral, assim como das escritoras de literatura especificamente, pode ser percebido em duas fases: no primeiro momento, encontram-se reivindicações relacionadas essencialmente às questões femininas, pelo fato de os assuntos ligados às mulheres não serem vistos pelos homens como urgentes ou até mesmo inexistentes e desnecessários no momento do pós-colonialismo; no segundo momento, as reivindicações das escritoras e demais

intelectuais africanas têm a ver com a luta contra a ideologia enfatizada, inicialmente, pelo colonizador europeu, e, posteriormente, pelos homens africanos colonizados para legitimarem-se na estrutura patriarcal.

Segundo Robert (2010), “estes dois polos, opõem-se em torno da questão da mulher, ainda que pareçam ter uma verdadeira preocupação em querer melhorar as condições colonizadas e subalternas” (ROBERT, 2010, p. 106). Por um lado, encontram-se os colonizadores que agitam o discurso da mulher segregada nos contextos tradicionais colonizados, como forma de legitimação do ato colonial. Nessa direção, de acordo com Robert (2010), os colonialistas sutilmente construíram um discurso de que o ato colonial de algum modo libertou as mulheres.

Há também, para Robert (2010), o movimento anticolonialista, que nega de modo veemente o discurso dos invasores. No entanto, estes dois grupos (imperialista e patriarcal) de alguma forma criaram uma situação que o pesquisador chamou de “guerra fria”, que ao longo do tempo se transformou em modelo de práticas repressivas contra a camada feminina. Um exemplo disso pode ser percebido quando Chimamanda Ngozi Adichie (2014), na obra *Sejamos todos feministas*¹, conta que “uma professora universitária nigeriana veio me dizer que o feminismo não fazia parte da nossa cultura, que era antiafricano e que, se eu me considerava uma feminista, era porque fora corrompida pelos livros ocidentais” (ADICHIE, 2014, p. 13).

No entanto, o comentário da professora mencionada por Adichie (2014) recai naquilo que podemos chamar de sabotagem das ideias, pois para a mulher africana é sempre vendido o pensamento de que o feminismo não caberia no cenário africano, uma vez que, nesse tipo de ótica, se trataria de uma prática contra o homem.

¹ Publicada originalmente em inglês, sob o título de *We Should All Be Feminists* (2014).

De acordo com Thomas Bonnici (1998), apesar da participação feminina na luta pela libertação nacional, assim como na defesa da melhoria da condição social, sexual e educacional, nos países pós-coloniais percebe-se uma ausência de igualdade dos direitos entre homens e mulheres, contribuindo, desse modo, para a continuidade da subalternização feminina nessas sociedades.

Badou Koffi Robert (2010) salienta que, para as elites locais nas sociedades africanas pós-coloniais, a questão da mulher não é, em geral, digna de ser levada ao debate. Para o pesquisador marfinense, o mais importante para o poder hegemônico dessas sociedades é a preservação do imperialismo, do colonialismo e do neoliberalismo. Segundo Robert (2010), no cotidiano africano do momento pós-colonialista inicial era perceptível vislumbrar que o continente estava destruído, nos planos físico e simbólico, pela incessante campanha de destruição colonialista. Nesse cenário, o pedido das mulheres por igualdade dos direitos e liberdade acarretaria, de acordo com os intelectuais mencionados por Robert, na ideia de fragilização do poder falocêntrico, pois uma vez que as mulheres fossem atendidas, seriam emancipadas, o que afetaria o discurso anticolonialista dos homens, pautado na manutenção do patriarcalismo, como forma de evitar a “desunião” social.

Com isso, nota-se o discurso da misoginia por detrás da decisão excludente de lideranças pós-coloniais em relação à liberdade emancipatória das mulheres. De acordo com Robert (2010), alguns intelectuais eram contrários às manifestações feministas, e ao perceberem o ato das mulheres africanas em defesa de igualdade e liberdade, as associaram ao feminismo ocidental. Para eles, o feminismo consistia em um conceito exportado pela mulher ocidental, que objetivava criar um ambiente conflituoso entre homens e mulheres que passaram pela experiência da colonização.

É a partir desse cenário de embate e manutenção da estrutura misógina nas sociedades pós-coloniais na África que surgem algumas escritoras africanas na contemporaneidade. Paulina Chiziane é um exemplo disso, da mulher africana que enfrenta os preconceitos e os obstáculos sociais para exercer a condição de escritora e intérprete da realidade social na qual está inserida:

Ainda hoje, a sociedade moderna considera os artistas como seus membros marginais. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar. Nesta sociedade a mulher só pode falar de amor e sexo com outras mulheres e também em segredo. Falar em voz alta é tabu, é imoral, é feio. No meu livro falo da vida, do amor e sexo. Com as minhas mãos acionei uma bomba sobre a minha cabeça. Uma boa parte das pessoas pensa que escrevi o amor porque o pratico em demasia. Outros consideram-me uma pessoa bastante entendida em matéria de amor e sexo e com vontade de contar experiências. As boas pessoas evitam a minha linguagem e o meu contato que consideram nocivo e comprometedor (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Paulina Chiziane, assim como outras intelectuais das ex-colônias europeias, faz parte dessas escritoras que, como ex-combatentes da liberdade nacional, contam com suas próprias palavras os sonhos e as utopias que todos carregavam com relação à independência. Isso pode ser percebido no romance *O sétimo juramento* (2000). Nessa obra, Chiziane tematiza a sua desilusão com a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e os motivos que a fizeram abandonar o partido, como, por exemplo, os direitos negados às mulheres moçambicanas.

Segundo Thomas Bonnici (1998), há uma forte conexão entre estudos pós-coloniais e o feminismo, visto que entre ambos “há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado” (p. 13). Bonnici considera que nas sociedades pós-coloniais, se o homem é colonizado, certamente a mulher é duplamente colonizada. Com isso, o pesquisador salienta

que ao se basearem nesse fato, os discursos tanto pós-coloniais quanto feminista prezam pela integração social da mulher subalternizada.

Nesse sentido, a escrita feminina africana desafia a ideia de heroicização masculina que passava por cima dos anseios femininos de alcançarem suas independências e emancipação como indivíduos sociais. Nessa direção, Thaís Cristina Santos (2010) afirma que Paulina Chiziane critica o machismo existente na sociedade moçambicana, que procura ocultar o baixo índice de ocupação das mulheres nos espaços políticos, assim como nos cargos profissionais de destaque, além da pequena taxa de escolaridade feminina no país.

Segundo Santos (2010), é incalculável o cenário de posição humilhante que a mulher moçambicana vive no seu próprio país, forçada a ser subserviente em relação ao homem. Nesse sentido, Santos (2010) afirma que o discurso literário de Chiziane se notabiliza por uma grande preocupação em relação às questões socioculturais em Moçambique e na África em geral. Como mencionado antes, Paulina expõe em sua literatura o descontentamento com os preconceitos sociais relacionados à mulher moçambicana e africana, que muitas vezes é subalternizada pelos costumes locais, os quais, geralmente, relegam à mulher apenas o papel de esposa e mãe zelosa.

De acordo com Laura Cavalcante Padilha (2012), Paulina Chiziane, para se distanciar dos rótulos de canonização, não se coloca como romancista, mas sim como contadora de histórias que chegam até ela. No entanto, a pesquisadora salienta que apesar da escritora moçambicana não se autodefinir como uma romancista, ela não deixa de ser, pois é da natureza do romance contar histórias.

Thaís Santos (2012, p. 288) salienta que “Paulina Chiziane é uma autora que se diz contadora de histórias por se sentir membro de uma tradição oral de contexto face a face” (p. 288). Ao negar conceitos como romancista, percebe-se que Chiziane procura se distanciar das formas de opressões, rompendo com as

barreiras literárias relacionadas ao cânone, como o grafocentrismo. Para Santos (2012), na narrativa de Chiziane as personagens femininas são representadas como na vida cotidiana moçambicana, com papéis, por exemplo, de mulheres submissas numa sociedade pós-colonial, patriarcal e machista, como o desempenhado pelas mulheres Bantu, que Chiziane classifica como aquelas com coração demasiadamente grande para carregar todas as dores dos maridos, assim como dos filhos e do resto do mundo.

2 NIKETCHE E A CRÍTICA DE PAULINA CHIZIANE À SUBALTERNIZAÇÃO DE GÊNERO EM MOÇAMBIQUE

Ao analisarem o choque cultural que o continente africano sofreu devido à invasão europeia, Silvana Rodrigues Quintilhano e Celina de Oliveira Barbosa Gomes (2016) destacam que Paulina Chiziane usou o personagem Tony em *Niketche: uma história de poligamia* para mostrar uma das consequências do hibridismo cultural em Moçambique, visto que em Tony é perceptível o seu envolvimento com a cultura africana, mas também o seu apreço em relação aos valores eurocêntricos ocidentais, uma vez que casado no molde cristão não poderia ter envolvimento amoroso com outras mulheres, porque a religião católica, compartilhada com a esposa Rami, não aceita o relacionamento poligâmico. Tony, como justificativa para suas traições, alega ter recorrido à prática tradicional da poligamia por ser africano, o que possibilitaria a ele se relacionar simultaneamente com muitas mulheres. O excerto a seguir evidencia isso: “- Espero que me compreendam... somos africanos... nossa cultura... sabem... elas. [...] - Somos Bantu de coração e alma. Homens ardentes. Em matéria de virilidade, até os brancos nos respeitam” (CHIZIANE, 2019, p. 108-109).

Percebe-se pelo fragmento acima que Tony utiliza-se de um suposto hibridismo cultural para justificar seus atos de adultério, dizendo-se polígamo por ser africano, o que, em sua narrativa, justificaria os vários relacionamentos que mantinha com diferentes mulheres. Desse modo, nota-se que Tony utiliza-se dos costumes do seu povo para justificar suas traições à esposa Rami. Quando ela o confronta em relação a isso, ele afirma o seguinte: “- Traição é crime, Tony! – Traição? Não me faça rir, ah, ah,ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami” (CHIZIANE, 2019, p. 29).

Segundo Quintilhano e Gomes (2016), através do processo de colonização, muitos africanos de diferentes partes começam a aderir à cultura do colonizador, configurando uma prática de mistura cultural, caracterizada no período pós-colonial como o resultado do hibridismo de tradições distintas.

O romance *Niketche*, história ambientada em Moçambique, realiza a representação desta mescla. A narradora-protagonista Rami revela a imprecisão de rumos a seguir, “se a tradição da mulher moçambicana do sul, se os hábitos das mulheres do norte, se as concepções sobre poligamia em voga em diferentes lugares da África ou, ainda, se os preceitos civis e religiosos europeus que ‘validam’ seu casamento com Tony” (QUINTILHANO; GOMES, 2016, p. 43). O trecho a seguir é um exemplo dessa mencionada imprecisão:

Dedicamos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falamos dos tabus da menstruação que impedem a mulher de aproximar-se da vida pública de norte a sul. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres, para não terem filhos carecas e não se comportarem como galinhas poedeiras na hora do parto. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa

é delas que sentaram no pilão, que abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (CHIZIANE, 2019, p. 35-36).

Como observa-se na citação acima, a narrativa de *Niketche* não poupa críticas a algumas práticas tradicionais moçambicanas, as quais discriminam e responsabilizam indevidamente as mulheres, contribuindo para o processo de subalternização feminina. Um exemplo desses atos de subordinação feitos pelas práticas tradicionais pode ser percebido no seguinte fragmento: “Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta” (CHIZIANE, 2019, p. 36).

Isaías Francisco de Carvalho e Maiane Pires Tigre (2016), no estudo *A poética do outro em Niketche: figuras de alteridade na literatura moçambicana*, salientam que *Niketche* – que além do título do romance de Chiziane é também uma dança de amor e de erotismo –, é uma narrativa com foco nas personagens femininas e que invade os lugares proibidos pela tradição. Segundo Carvalho e Tigre (2016), *Niketche* é uma obra com marca da escrita pós-colonial, na qual Chiziane renuncia o lugar de “casa e cozinha”, dito de mulher pela cultura machista e patriarcal, para escrever e enaltecer a figura feminina moçambicana, bem como dos males que as perseguem no país.

Carvalho e Tigre (2016) vislumbram o mencionado romance de Chiziane como uma construção literária que articula os costumes tradicionais do país ao empoderamento da mulher moçambicana. Para os pesquisadores, *Niketche* é uma obra cujo micro sistema permite a quebra do paradigma tradicional falocêntrico que subalterniza a mulher no contexto social moçambicano. A figura da mulher apresentada em *Niketche* nega os estereótipos sociais e busca ser uma

compreensão auspiciosa focada nas liberdades social, cultural e econômica, bem como na representação positiva feminina.

Scheilla Graziella Cayô Cavalcante (2015) ressalta que não há dúvida em relação a Rami ser a mola propulsora no processo de mudança das “rivais” (as outras mulheres com as quais Tony se relaciona), que deixam de ser agentes passivas para se tornar ativas. Segundo a pesquisadora, Rami inicialmente é apresentada, no início, de forma submissa, passando a demonstrar, no decorrer da narrativa, uma tomada de consciência e uma postura engajada. Desse modo, o leitor percebe a complexidade, a força, e a coragem da protagonista, que transforma não só a sua própria história, mas também a de outras mulheres, livrando-as do machismo e opressões praticadas por Tony, o qual as considera da seguinte forma:

– A Mauá é o meu franguinho – diz –, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar, procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a companhia dela. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagô, meu alicerce (CHIZIANE, 2019, p. 139).

O polígamo Tony se envolve com mulheres de diferentes partes de Moçambique, de distintos grupos étnico-culturais. Como exemplo, nota-se na narrativa que a personagem Mauá é nortenha e segue a religiosidade e as tradições africanas. Por outro lado, a narradora autodiegética Rami é do sul e segue, ao

menos em parte da narrativa, a religião católica e os costumes urbanos ocidentais. Por conta dessas diferenças, as duas estranham os hábitos culturais uma da outra.

Niketché é um romance que retrata uma sociedade moçambicana marcada pelo choque principal de duas mundivivências: a africana e a europeia ocidental. Por um lado, as tradições ancestrais africanas muitas vezes subalternizam as mulheres. Por outro, as heranças socioculturais deixadas pelos colonizadores europeus possuem “exigências que debilitam e desorientam as mulheres. Assim, Rami viverá de modo cambiante entre a cultura tradicional do seu país e aquela que aprendeu como ‘correta’ – a cultura branca ocidental” (CAVALCANTE, 2015, p. 178). Entretanto, Rami “concluirá que esses dois lugares, o da tradição e o da modernidade, são lugares opressivos para as mulheres, não permitindo que estas se construam como sujeitos, somente como objetos” (CAVALCANTE, 2015, p. 178).

Rami foi educada e casou-se de acordo com os princípios da religião católica, que condena a poligamia. Porém, ela descobre que a monogamia defendida pelo catolicismo não é respeitada pelo marido. Como solução para os casos de infidelidade de Tony, ela procura aderir à prática tradicional da poligamia. Entretanto, ao refletir sobre a condição da mulher em Moçambique, ela percebe que a poligamia, como um costume da tradição no país, é uma prática que humilha a mulher e faz dela uma espécie de mendiga emocional, na qual tem de partilhar o esposo e implorar pela atenção do mesmo:

Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar o senhor. Enquanto prova cada prato ele vai dizendo: este tem muito sal, este tem muita água, este não presta, este é azedo, este não me agrada, porque há uma que sabe cozinhar o que me agrada. É chamarem-te feia, quando és bela, pois há sempre uma mais bela do que tu. É seres espancada em cada dia pelo mal que pensaste fazer, ou por aquele que não fizeste, por aquele que um dia

vais cometer. [...] Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo de violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para se vingar-se de todos os maus tratos que sofreu com a sua própria (CHIZIANE, 2019, p. 91).

A partir do romance de Chiziane, nota-se que muitos moçambicanos tentam procurar argumentos para justificar as vantagens da poligamia, mas ela não é uma prática que favorece a mulher. No seu sentido mais amplo, podemos dizer que a poligamia é uma prática visivelmente desigual e opressora. Tradicional ou moderna, sendo que esta última é denominada de “amantismo” na narrativa, é uma prática que desfavorece a ascensão sociocultural, política e econômica da mulher africana, visto que busca subjugar-la.

Em Moçambique, conforme Rosilda Alves Bezerra (2015), algumas mulheres, especialmente as idosas, acham necessária a continuação da prática poligâmica, sob a justificativa de que o lar, mesmo que poligâmico, propicia segurança e proteção às mulheres, as quais têm a possibilidade de “criar os filhos sem a miséria e o desespero experienciados pelas mães solteiras e viúvas, vítimas de um certo abandono” (BEZERRA, 2015, p. 359). Porém, segundo Bezerra (2015), a narradora-protagonista Rami e as outras personagens femininas de *Niketche* são exemplos contrários da justificativa dada em relação à suposta segurança que a prática poligâmica traz para as mulheres e os filhos, pois as vidas das companheiras de um polígamo são pautadas, na representação literária de Chiziane, em ansiedade, esquecimento, aprisionamento, e os filhos não têm o amor e a atenção do pai, Tony. Nessa direção, a narradora-protagonista Rami diz o seguinte: “Perguntei às mulheres: o que acham da poligamia? Elas reagiram como gasolina na presença de um pavio aceso. Explosão, lágrimas, feridas, cicatrizes. A poligamia é uma cruz. Um calvário. Um braseiro. E cada uma conta a sua história, trágica, fantástica, comovente” (CHIZIANE, 2019, p. 102).

Uma das personagens de *Niketche*, Saly, questiona o conceito de família poligâmica urbana, que, segundo ela, é totalmente diferente da poligamia tradicional. Entretanto, vale ressaltar que, a partir da narrativa de Chiziane, percebe-se que tanto a poligamia urbana quanto a tradicional não favorece a mulher. A diferença consiste, talvez, no fato de que na poligamia tradicional as esposas tenham conhecimento das demais companheiras do marido, formando uma ampla família que possui contato entre si, enquanto na poligamia urbana não, as esposas, geralmente, não se conhecem e os núcleos familiares não têm inter-relações. O desabafo a seguir, da personagem Saly, é um exemplo de crítica à poligamia urbana:

— Família? — pergunta a Saly furibunda. — Ninhos de pássaros, isso sim. Feitos a correr sem a menor estrutura. Ovos desprotegidos. Ovos caídos. Ovos podres, marginais. Que futuro espera para estes nossos filhos? Não conhecem nem tias, nem avós, vivendo escondidos como toupeiras, sem pai presente, sem referências. Apenas gente que cresce para encher o mundo (CHIZIANE, 2019, p. 104).

No fragmento acima, Saly, uma das personagens femininas do romance e uma das esposas de Tony, ressalta o fato de que na poligamia urbana os filhos não têm um pai presente e um contato com a família do mesmo, sendo criados de forma marginalizada, sem uma referência paterna.

Zeferino Barros José (2016), no estudo *Das práticas culturais à violência contra a mulher em Moçambique*, salienta que o rito de iniciação é um dos meios que o homem moçambicano se justifica em relação ao seu comportamento perante à mulher e vice-versa. No entanto, sendo uma sociedade patriarcal, o homem naturalmente acha que possui todos os direitos para governar uma mulher, “ou seja, que o poder de decisão nas relações íntimas ou afetivo-sexuais esteja concentrado no homem, fato que deixa a mulher à mercê deste” (JOSÉ, 2016, p. 229). Para José (2016), as práticas costumeiras, tais como os ritos e as práticas da

tradição, dão poderes aos homens enquanto subjagam as mulheres moçambicanas. Um exemplo disso é, evidentemente, a poligamia. No texto de Chiziane, Rami pergunta a alguns homens moçambicanos o que eles pensam sobre esse assunto. Ao que eles respondem, de acordo com a narradora, do seguinte modo:

Pergunto aos homens: o que acham da poligamia? Escuto risos cadenciados como o gorgear das fontes. Vejo sorrisos que esticam os lábios de orelha a orelha. As glândulas salivares entram em ação como se estivesse a servir um manjar de agradável paladar. Há aplausos. Poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura, dizem (CHIZIANE, 2019, p. 102).

Se o rito de iniciação é considerado como um dos costumes tradicionais moçambicanos, no qual os homens detêm o poder e, ao mesmo tempo, as mulheres perdem sua autonomia, como analisar a prática do *kutchinga*? Segundo Badou Koffi Robert (2010), entre os costumes tradicionais de Moçambique que afetam diretamente a vida da mulher, a prática do *kutchinga* é uma das que mais desvaloriza o corpo feminino, visto que é a imposição de um ato sexual realizado após a morte do esposo da mulher. Conforme Robert (2010), *kutchinga* é um nome Bantu cujo significado em português é levirato, prática na qual a viúva é entregue ao irmão mais velho do falecido como herança, assim como os bens materiais e filhos deixados pelo morto. Em *Niketche*, a narradora-protagonista Rami evidencia o seguinte sobre o ritual do *kutchinga*:

Agora falam do *kutchinga*, purificação sexual. Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado ato, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas do Tony? Fico assustada. Revoltada. Minha pele se encharca de suor e medo. [...] É tão cruel e tão malvada essa gente... Peço a qualquer Deus qualquer socorro. Ninguém me ajuda, nem Deus, nem santos. [...]

Kutchinga é carimbo, marca de propriedade (CHIZIANE, 2019, p. 212).

A prática do *kutchinga* legitima uma tripla opressão em relação à viúva: a primeira delas é quando a mulher perde o total controle sobre seu corpo, passando a obedecer às exigências dos familiares do falecido, os quais desrespeitam ou ignoram os desejos dela; a segunda é quando os cabelos da viúva são cortados sem consentimento desta, tudo em nome dos familiares do falecido; a terceira consiste no ato de maior violência, quando a viúva é obrigada a se relacionar sexualmente com o cunhado.

De acordo com Letícia Cao Ponso e Ezra Chambal Nhampona (2018), em alguns casos onde é realizado o *kutchinga*, os familiares do falecido acusam a viúva de ter ceifado a vida do marido com alguma prática de feitiçaria ou até mesmo por não gostar do matrimônio. Esse tipo de acusação ocorre em *Niketche*, pois a família de Tony diz o seguinte à Rami: “— A feiticeira és tu, Rami. Se não fosse essa tua mania de juntar as esposas, nada disto teria acontecido. Juntaram-se e as cinco fizeram correntes negativas dentro desta casa. [...] — O feitiço é teu. Mataste-o para evitar o divórcio e ficares com os bens do falecido” (CHIZIANE, 2019, p. 211).

A consciência da legitimação da violência contra a mulher através da prática do *kutchinga* faz com que a narradora-protagonista Rami, de *Niketche*, manifeste à Eva, outra das esposas de Tony, o seu descontentamento e indignação em relação a este ritual tradicional:

— Fizeram-me isto porque sou viúva. Porque é tradição. Banharam-me com óleos e sebos que cheiram a fezes. Meteram-me num quarto cheio de fumos de incenso e outros cheiros estranhos que pioraram a minha sinusite. Rasgaram-me a pele com lâminas para esfregar pomadas ardentes cujos efeitos desconheço.

— Já te raparam o cabelo, Rami. Agora vão fazer o pior (CHIZIANE, 2019, p. 217).

Chiziane, em seu texto literário, aborda e denuncia as consequências da manutenção de algumas práticas culturais em Moçambique nocivas às mulheres,

como o *kutchinga*, conforme evidencia o trecho citado acima, no qual Rami lamenta sobre o comportamento rude, violento, desrespeitoso e insensível por parte dos familiares de Tony, supostamente falecido naquela altura do romance.

Em *Niketche*, apesar das diferenças iniciais, a aproximação entre as mulheres com as quais Tony se relaciona, provenientes de distintas partes de Moçambique, faz com que elas tenham empatia umas com as outras e desenvolvam uma conscientização em relação à opressão vivida pelo gênero feminino no país, tornando-se empoderadas ao longo do texto literário. Rami expressa a alegria de perceber a transformação em Julieta, uma das esposas de Tony, que rompe com a relação de subalternidade:

Olho para a Ju, surpreendida. As suas palavras soam vigorosas como um tropel de cavalos de batalha. [...] O sentimento que hoje expressa é de rebeldia e insubmissão. De maturidade. Vejo a firmeza da fera ferida em sua alma, que segura o sopro de vida em direção ao assalto fatal. Vejo uma faísca forte nos seus olhos (CHIZIANE, 2019, p. 312).

A solidariedade entre as companheiras de Tony é notória. Após Rami procurar uma a uma as mulheres com as quais o esposo se relaciona, elas se juntam para desmascará-lo e confrontá-lo na sua festa de cinquenta anos de vida, na presença dos familiares e amigos, exigindo que ele reconheça socialmente, de acordo com a tradição, a relação de poligamia vivida com elas. O excerto abaixo evidencia isso:

O Tony vai completar cinquenta anos de vida. [...] Chegou o grande dia. Estava já reunida a grande família. [...] O nosso tio padre estava lá para abençoar a festa. Muitas famílias, grandes famílias, gente católica, conservadora. [...] Estávamos todas vestidas de igual, como se devem apresentar as mulheres de um polígamo. [...] Estas mulheres juntas venceram os preconceitos e avançaram com firmeza e derrubaram a farsa.

No rosto de Tony surpresa, vergonha, lágrimas e raiva. Despimos-lhe o manto de cordeiro diante dos verdugos [...].

Nunca pensei que um homem se acobardasse diante das suas mulheres (CHIZIANE, 2019, p. 107-108 e 110).

De acordo com Scheilla Cavalcante (2015), Rami se aproveita da má conduta do marido, bem como das contradições da sociedade moçambicana, para problematizar o preceito moralista. Apesar das várias violências sofridas, tanto pelo machismo neocolonial quanto pelos rituais tradicionais, Rami consegue se reconstruir e se autoafirmar como mulher-sujeito, protagonista da sua própria história. No ato de se empoderar, ela leva junto consigo as outras mulheres oprimidas por Tony, num ato de empatia e sororidade.

Ao longo da narrativa de *Niketche*, percebe-se que Rami não só supera com resiliência a dominação masculina perpetrada pelo marido, como faz das “rivais” empresárias de sucesso, livrando-as da dependência financeira de Tony. Na figura deste, Chiziane denuncia o machismo praticado pelo homem moçambicano, que se utiliza dos costumes tradicionais para oprimir as mulheres, tal qual o falocentrismo observado nas sociedades ocidentais.

REFERÊNCIAS

ADICHIE. **Sejamos todos feministas**. Trad. de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BEZERRA. O sentido social do lobolo na ficção de Paulina Chiziane. **Estudos Literários**, Coimbra, v. 5, p. 345-371, 2015. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rel/article/view/2183-847X_5_13/3680. Acesso em: 30 mai. 2022.

BONNICI. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

CAVALCANTE. Tradição e contradição no universo feminino de Rami, de *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, v. 27, p. 173-190, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2015n27p173>. Acesso em: 30 mai. 2022.

CARVALHO, de; TIGRE. A poética do outro em Niketche: figuras de alteridade na literatura moçambicana. **Revista Moara**, Belém, v. 46, p. 267-286, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3882>. Acesso em: 30 mai. 2022.

CHIZIANE. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

CHIZIANE. Eu, mulher. Por uma nova visão do mundo. **Abril**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 5, p. 199-205, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/abriluff.v5i10.29695>. Acesso em: 28 mai. 2022.

CHIZIANE. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JOSÉ. Das práticas culturais à violência contra as mulheres em Moçambique. **Publicatio**, Ponta Grossa, v. 24, n. 2, p. 225-240, 2016. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/9279/5460>. Acesso em: 30 mai. 2022.

KI-ZERBO. **História geral da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

PONSO; NHAMPOCA. Uso ritual das línguas bantu nas cerimônias do lobolo e kutchinga. **PAPIA**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 133-148, 2018. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/3043/pdf>. Acesso em: 30 mai. 2022.

QUINTILHANO; GOMES. A reinvenção da tradição em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. **Todas as Musas**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 42-53, 2016. Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/15Silvana_Rodrigues.pdf. Acesso em: 30 mai. 2022.

ROBERT. **A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane**. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-08022011-100027/pt-br.php>. Acesso em: 28 mai. 2022.

SANTOS, Thaís Cristina. **Entre a tradição e a modernidade: O sétimo juramento de Paulina Chiziane**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000745198&local_base=UFR01#.YplVtzML7C. Acesso em: 28 mai. 2022.

Contribuição de autoria

1 – Satumata Malam Sambu Sanha

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR
<https://orcid.org/0000-0002-7330-5054> • sanhasatumata@gmail.com
Contribuição: Autor

2 - Felipe dos Santos Matias

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, PR
<https://orcid.org/0000-0002-6147-9612> • felipe.matias@unila.edu.br
Contribuição: Autor

Como citar este artigo

SANHA, S. M. S.; MATIAS, F. dos S. Um estudo de gênero em Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane. **Revista Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, v. 41, e70533, p. 1-18, 2023. DOI 10.5902/1679849X70533. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X70533>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.